



OS IMIGRANTES E A IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL  
COMUNIDADE DE CADERNO VERDIANO

Henri Pinheiro Pereira Pinheiro, Imigração, Mobilidade e Globalização

José Carlos Lourenço, Portugal, 1964-1976, Portugal e a Europa

PORTUGAL PELO MUNDO DISPERSO

PORTUGAL SOCIAL DE A a Z  
1974-1976

João Carlos Lourenço (org.), PORTUGAL SOCIAL DE A a Z

ESTUDOS DE POPULAÇÃO E SOCILOGIA  
MIGRAÇÃO

PORTUGAL INTERCULTURAL  
ACULTURAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE IMIGRANTES E IMIGRANTES

M. A. Oliveira e C. Torres, JOVENS PORTUGUESES E O LUGAR DE ORIGEM

I CONGRESSO: IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL, INVESTIGANDO

Rui Pedro Pinho, MIGRAÇÕES E INTEGRAÇÃO

Jose Gabriel Pereira Bastos, PORTUGAL EUROPEU

F. Sousa Ferreira, O Brasil e o Portugal do século XIX

Fernanda Luis MacLure, CONTRASTES E CONTINUIDADE

NEW WAVES: MIGRATION FROM EAST

IMIGRAÇÃO UCRANIANA EM PORTUGAL

DIAGNÓSTICO DA POPULAÇÃO IMIGRANTE NO CONCELHO DE OBRAGÃO

PORTUGAL: ATLAS DAS MIGRAÇÕES

## Emigração portuguesa: o que temos vindo a estudar e o que nos falta saber – uma análise bibliométrica entre 1980 e 2013<sup>1</sup>

Pedro Candeias

Bárbara Ferreira

João Peixoto

### Introdução

Dada a quantidade de estudos sobre a emigração portuguesa que foram produzidos recentemente, torna-se pertinente uma análise sistemática a alguns dos seus conteúdos. Tal análise permitirá conhecer quais os temas, épocas históricas e países mais estudados, bem como aqueles que ainda carecem de investigação.

Pretende-se, com o presente artigo, efetuar uma análise bibliométrica da produção científica sobre a emigração portuguesa produzida entre 1980 e 2013. Esta análise é um dos *outputs* iniciais do projeto de investigação “Regresso ao futuro: a nova emigração e a relação com a sociedade portuguesa” (REMIGR), cujo objetivo principal é analisar as tendências da emigração mais recente<sup>2</sup>.

As análises bibliométricas e cientométricas tiveram como impulsionador Derek Solla Price<sup>3</sup>, inicialmente aplicadas às ciências exatas, mais concretamente à Física, para posteriormente se expandirem a diversas áreas científicas. Exercício semelhante ao que se apresenta já foi efetuado para a produção científica sobre a imigração e minorias étnicas em Portugal, com base também num levantamento bibliográfico<sup>4</sup>. Embora já tenham sido publicados outros levantamentos, tanto dedicados exclusivamente à emigração portuguesa<sup>5</sup>,

1 O artigo foi produzido no âmbito do projeto “Regresso ao futuro: a nova emigração e a relação com a sociedade portuguesa” (REMIGR). A equipa do projeto é constituída por membros do SOCIUS, ISEG, Universidade de Lisboa; CES, Universidade de Coimbra; CIES, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa; e CEG, IGOT, Universidade de Lisboa. A investigação é financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/ATP-DEM/5152/2012). Os autores agradecem os contributos dos restantes membros do projeto, nomeadamente: Isabel Tiago Oliveira, Joana Azevedo, Jorge Malheiros, Paulo Miguel Madeira, José Carlos Marques e Pedro Góis; bem como aos dois revisores anónimos, cujos comentários ajudaram a melhorar o texto original.

2 No plano empírico, este projeto de investigação procura estudar sobretudo os fluxos ocorridos depois da viragem do século, aprofundando duas das suas modalidades mais exemplares: a mobilidade de jovens qualificados (detentores de diploma superior) e a de trabalhadores manuais pouco qualificados. São estudadas as tendências gerais e examinados em pormenor alguns países de destino, nomeadamente Angola, Brasil, França e Reino Unido. Uma primeira fase do projeto passou pelo levantamento da bibliografia existente sobre o tema. Dado o número elevado de material recolhido, o tratamento do estado da arte socorreu-se de métodos quantitativos e análises bibliométricas.

3 PRICE, 1951.

4 MACHADO; AZEVEDO, 2009.

5 ROCHA-TRINDADE; ARROTEIA, 1984.

como às migrações no geral<sup>6</sup>, não foram feitos com o propósito de uma análise temática e quantitativa.

A análise que se apresenta contemplou os seguintes critérios: 1) tempo – ano da publicação; 2) tipo de documento; 3) tema; 4) época histórica; 5) país de destino. Em algumas situações, estes critérios foram cruzados entre si ou com dados secundários.

O trabalho que se apresenta é de carácter provisório, tendo em conta que não foram recenseadas todas as publicações existentes e que se teve como base de trabalho uma listagem em constante atualização. Mas tal não obsta que se possa obter imagem do que já foi feito até agora e, mais importante ainda, do que ainda está por fazer.

## 1. Metodologia

Foram recolhidas 806 referências bibliográficas de publicações científicas referentes à emigração portuguesa<sup>7</sup>. A recolha de publicações foi circunscrita cronologicamente aos textos publicados entre os anos de 1980 e 2013. Foram consideradas publicações referentes às saídas de portugueses para o estrangeiro (a emigração na perspetiva da origem), como textos sobre portugueses em países estrangeiros (a imigração portuguesa vista na perspetiva dos países de destino por investigadores naturais desses países ou aí sediados). Esta opção metodológica pareceu ser a mais adequada, uma vez que se podem considerar os “dois lados da mesma moeda”, ou seja, duas perspetivas sobre o mesmo fenómeno que, por vezes, é difícil separar. Acresce que um levantamento bibliográfico focado apenas na literatura produzida em Portugal por académicos portugueses seria incompleto, parcial e de reduzida dimensão. Em primeiro lugar, porque o fenómeno é, em algumas vertentes, mais fácil de estudar sob a perspetiva das entradas do que das saídas, tal como é mais fácil estudar os imigrantes em Portugal do que os emigrantes<sup>8</sup>. Em segundo lugar, pelo facto de a comunidade científica portuguesa ser ainda diminuta<sup>9</sup>.

Para o levantamento bibliográfico que se analisa, foram consideradas como publicações científicas: livros, capítulos de livros, artigos em revistas científicas, atas de congressos, conferências e outros tipos de encontros científicos, bem como dissertações de licenciatura, mestrado e doutoramento. A recolha contemplou diversas fontes, tendo como ponto de partida o material disponível no *website* do Observatório da Emigração ([www.observatorioemigracao.secomunidades.pt](http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt)), as bibliografias pessoais dos investigadores da equipa, algumas bibliotecas universitárias e um sistema de “bola de neve bibliográfica”, em que em cada referência consultada eram procuradas novas referências bibliográficas. O trabalho de campo decorreu entre 1 de junho e 30 de setembro de 2013.

Os textos foram depois analisados, quando possível, de forma integral, e, por vezes, parcialmente, através dos resumos e palavras-chave, com recurso a técnicas de análise de conteúdo quantitativa.

De forma a complementar e contextualizar a produção científica, foi efetuada uma recolha documental de peças jornalísticas, existindo assim ao longo do artigo algumas referências a notícias dos *media*. Uma vez que o intuito não foi o de uma análise de conteúdo a artigos dos *media*, a recolha não obedeceu a critérios rígidos de sistematicidade.

Uma limitação que pode ser apontada a esta base de dados bibliográfica é ter como ponto de partida a investigação produzida em Portugal. Uma vez que existe maior familiaridade e proximidade com o que é produzido em Portugal e por investigadores portugueses, corre-se o risco de existir uma menor representatividade de obras produzidas além-fronteiras, embora se tenha tentado recensear, dentro do possível, trabalhos efetuados

6 GARCIA; NUNES, 2000; MUSEU DAS MIGRAÇÕES E DAS COMUNIDADES, 2012.

7 Uma versão ligeiramente mais expandida destas publicações está disponível em CANDEIAS; GÓIS; MARQUES; PEIXOTO, 2014.

8 PEIXOTO, 2012: 2.

9 BAGANHA; GÓIS, 1998-1999: 249.

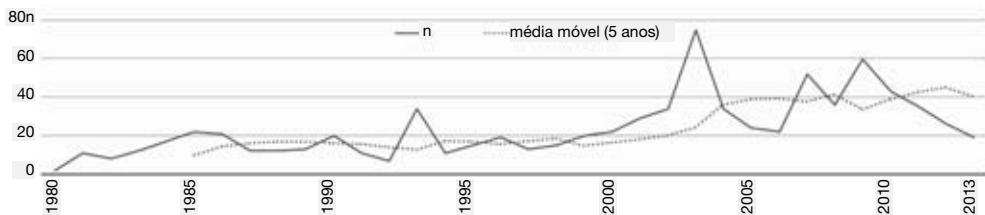
fora de Portugal. Como exemplo, um levantamento semelhante efetuado nos EUA teria muito maior acesso a outras produções e facilmente negligenciaria produções lusófonas. Não se descarta, igualmente, a hipótese de existir alguma bibliografia produzida em línguas de menor divulgação académica e, por sua vez, de menor acesso, como o alemão.

## 2. Resultados

### 2.1 Produção científica sobre emigração portuguesa no tempo

Analisa-se primeiramente a distribuição das referências recolhidas numa perspetiva longitudinal (Gráfico n.º 1). A tendência observada parece ser crescente, tendo em conta que 16% do total das publicações analisadas são datadas da década de 1980, 20% da década de 1990 e 48% da década de 2000. Na década de 1980, a média anual de publicações era de 13, nos anos 1990 aumenta para 17 e entre os anos de 2000 a 2009 são publicadas, em média, 39 peças por ano. Embora se observem alguns picos anuais, o cálculo da média móvel permite corrigir esses desvios e a tendência continua tendencialmente crescente.

**Gráfico n.º 1 – Número de publicações por ano**



Fonte: Elaborado pelos autores.

Deve ser efetuada a ressalva de que este incremento ao longo do tempo pode não resultar de um maior interesse pelas migrações portuguesas *per se*, mas sim de um aumento geral da produção científica, seja ela ao nível mundial<sup>10</sup> ou a nível nacional. Assim, foi testada a correlação entre o número de publicações por ano com dados referentes às publicações científicas portuguesas (Ciências Sociais e Humanidades), tendo sido obtida uma correlação significativa ( $p > 0,001$ ) e positiva ( $r$  de *Pearson*=0,66)<sup>11</sup>.

Foi ainda testada a hipótese de que a investigação sobre a emigração portuguesa seria inversamente proporcional à investigação sobre imigração para Portugal. O pressuposto é o de que, em Portugal, os académicos seriam os mesmos e que estariam mais dedicados a estudar as entradas populacionais, deixando assim para segundo plano as saídas. Para tal, testou-se a correlação entre as publicações recolhidas no âmbito do presente estudo com a distribuição das publicações recolhidas por Machado e Azevedo<sup>12</sup>. Contudo, a hipótese não se verificou empiricamente. Tal pode dever-se a: 1) o reduzido intervalo dos dados recolhidos pelos autores citados (oito anos); 2) a emigração portuguesa ser em grande parte estudada por investigadores não portugueses ou, em outros casos, por investigadores portugueses não baseados em Portugal.

10 BUCCHI, 2004.

11 DGEEC/MEC a partir de Thomson Reuters, Pordata. Embora se tenha verificado um incremento nas publicações científicas portuguesas, tal não invalida a afirmação anterior sobre esta ser diminuta, em comparação com outros países europeus.

12 MACHADO; AZEVEDO, 2009: 12.

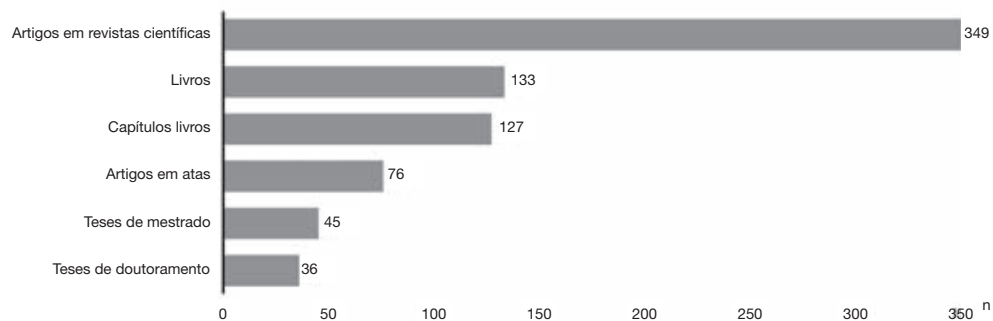
No que diz respeito à distribuição longitudinal, existem, ao longo do tempo, alguns picos que podem ser explicados pela existência de números especiais ou atas de congressos sobre o tema. Por exemplo, em 2003 ocorreu o I Congresso Internacional “A Vez e a Voz da Mulher Imigrante Portuguesa”, cujas atas publicadas contribuíram para o registo de 18 publicações neste ano.

Também relevante é a edição de números especiais de revistas. Em 2007 foram publicados dois números da revista *População e Sociedade* (n.º 14 e n.º 15) dedicados à emigração portuguesa para o Brasil. No ano de 2009 foi publicado o n.º 5 da revista *Migrações* (número especial sobre migrações entre Portugal e América Latina). No mesmo ano, foi também editado o número especial da revista *Ler História* (n.º 56) com um *dossier* sobre Emigração e Imigração.

## 2.2 Produção científica sobre emigração portuguesa: tipos de documentos

Existe interesse em conhecer que tipos de publicações sobre emigração portuguesa foram produzidos (Gráfico n.º 2). Grande parte das referências recolhidas são de artigos em revistas científicas, seguidos de, com alguma distância, livros, e, com proporções quase semelhantes, capítulos de livros.

**Gráfico n.º 2 – Tipos de documentos**



Fonte: Elaborado pelos autores.

Duas notas de ressalva em relação às dissertações: o reduzido número de teses de licenciatura recolhidas (duas, não representadas graficamente) pode ser explicado pela baixa notoriedade e disseminação que estas possuem, bem como pela sua descontinuação com a introdução do Processo de Bolonha. Já o quantitativo mais elevado de dissertações de mestrado em relação às de doutoramento é justificável pelo número também mais elevado de graduados com o grau de mestre em comparação ao de doutor<sup>13</sup>.

Ainda no que respeita às dissertações de mestrado e doutoramento, embora não se consiga avançar um quantitativo exato, é perceptível pela leitura das monografias que, quando são produzidas no estrangeiro, são em grande parte da autoria de lusodescendentes, que o fazem por motivação pessoal ou para melhor conhecerem as suas raízes.

13 Cerca de seis vezes mais, já que, entre 1997 e 2011, foram atribuídos, em Portugal, 74 033 graus de mestre e 13 455 graus de doutor (Pordata).

Existe também uma categoria particular de autores que contribuem para a produção científica com artigos de revistas, comunicações em encontros, livros e capítulos de livros, que consiste em estudiosos das migrações no geral. Ou seja, investigadores estrangeiros que estudam tanto a imigração portuguesa como outros grupos nesse país. Tal como em Portugal, grande parte dos estudiosos das saídas populacionais também se dedica à imigração.

Analisando os tipos de documentos publicados ao longo dos anos (em períodos decenais), a tendência tem sido para uma estabilização entre a década de 1980 e 1990, para posteriormente se observar um aumento de todas as publicações. Contudo, foi nos artigos em revistas científicas que se observou o maior incremento.

### 2.3 Temas abordados nos estudos sobre emigração portuguesa

O material recolhido foi classificado, de acordo com o enfoque, em grandes áreas temáticas dos estudos das migrações, designadamente:

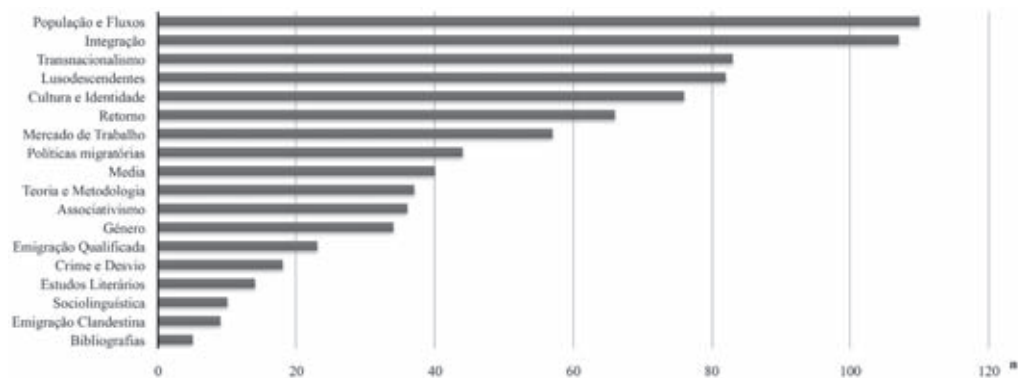
- (1) *Associativismo*: contempla tanto a vertente do associativismo laboral e sindicalismo, mais associado à integração no mercado de trabalho e à mobilização política, como a vertente lúdica ou cultural, mais dedicado ao modo como as associações e coletividades moldam ou ajudam na construção (ou reconstrução) da cultura, identidade ou etnicidade portuguesa, ou ainda o modo como funcionam como redes de ajuda e suporte.
- (2) *Crime, desvio e violência*: considerou-se nesta categoria tanto o comportamento desviante praticado por portugueses, como estudos em que os mesmos foram vítimas de situações de contrabando, deportação, escravatura branca, engajamento, ou práticas hostis.
- (3) *Cultura e identidade*: congrega essencialmente estudos de carácter etnográfico e algumas etnografias multisituadas sobre a cultura *folk* portuguesa, etnicidade, rituais, festividades, identidade nacional e religião na sua componente identitária. Abrange ainda estudos sobre o processo de aculturação ou de adaptação cultural à sociedade de receção.
- (4) *Emigração clandestina*: estudos históricos e estimativas do número de emigrantes clandestinos.
- (5) *Emigração qualificada*: migrações de quadros, grupos profissionais qualificados específicos e cientistas, nomeadamente estudantes de doutoramento e investigadores.
- (6) *Estudos literários*: análises de romances ou poemas, quer de obras de escritores portugueses, quer de naturais dos países recetores que escreveram sobre portugueses.
- (7) *Género*: estudos que comparam a situação entre homens e mulheres, ou que se dedicam ao estudo das mulheres emigrantes isoladamente.
- (8) *Integração*: categoria abrangente que cobre diversas dimensões da integração (e.g.: espacial, demográfica, social, económica, jurídica, de saúde, relacional ou política). “Espacial” quando remete para a concentração geográfica, os bairros étnicos, as condições de habitabilidade e as trajetórias residenciais. “Demográfica” nas questões do envelhecimento e nos problemas que daí decorrem. “Social” nos estudos sobre as práticas religiosas na sua componente integrativa. “Económica” nas questões da mobilidade social ou do contributo para o desenvolvimento no país de destino. “Jurídica” quando se estudam as naturalizações. “Saúde” quando se aborda a situação dos portugueses perante o sistema de saúde no país de acolhimento. “Relacional” quando se tratam dos estereótipos e representações sociais da população maioritária ou as relações intra ou interétnicas. Por fim, a dimensão “política” surge nos estudos sobre a participação política nas suas diversas vertentes (eleitoral, associativa, manifestações, lideranças, etc.).
- (9) *Levantamento bibliográfico*: bibliografias e filmografias sobre emigração.
- (10) *Lusodescendentes*: estudos sobre descendentes de portugueses ou jovens emigrantes, sua relação

- com o sistema escolar e suas trajetórias sociais. Muitos dos temas expostos podem ser analisados apenas para este subgrupo específico (e.g.: associativismo juvenil, os jovens e o mercado de trabalho).
- (11) *Media*: por um lado, contempla os estudos que utilizam como material empírico o discurso mediático (e.g.: estudos sobre notícias sobre emigrantes qualificados); por outro lado, os estudos sobre os *media* em si, como programas de rádio, jornais, revistas e *blogs* por e/ou para portugueses. Abrange ainda estudos mais próximos do transnacionalismo, como a utilização da internet como meio de contacto com o país de origem.
- (12) *Mercado de trabalho*: aqui foram classificados os estudos sobre a integração laboral, o empreendedorismo ou grupos profissionais específicos (e.g.: trabalhadores rurais, pescadores, operários da construção civil, jogadores de futebol, operários fabris).
- (13) *Políticas migratórias*: estudos sobre políticas emigratórias portuguesas e trabalhos sobre as políticas imigratórias em países de destino. Consistem, em grande parte, em análises de legislação ou de discursos políticos.
- (14) *População, fluxos e trajetória migratória*: trabalhos que procuram quantificar e/ou caracterizar os *stocks* e/ou os fluxos. Em grande parte são trabalhos que se baseiam em estatísticas oficiais ou fontes históricas.
- (15) *Retorno*: o retorno *per se* ou intenções de retornar.
- (16) *Sociolinguística*: investigações sobre o tema do bilinguismo ou da competência oral.
- (17) *Teoria e metodologia*: reflexões conceptuais, revisões de literatura e, por outro lado, publicações mais dedicadas a questões metodológicas.
- (18) *Transnacionalismo*: abrange tanto o que se considera transnacionalismo social como transnacionalismo económico. Por transnacionalismo social entendem-se as visitas a casa, as casas dos emigrantes em Portugal e a sua arquitetura, as relações entre emigrantes e ex-emigrantes com os residentes em Portugal, os rituais de casamento ou os contactos mantidos com Portugal. Já o transnacionalismo económico abarca o envio de remessas, o impacto no país de origem ou o desenvolvimento regional do mesmo.

As subcategorias apresentadas são apenas ilustrativas, não contemplando toda a extensão dos subtemas presentes nas 806 referências catalogadas.

Uma vez que alguns destes temas se intercetam, foram consideradas múltiplas classificações. Assim, considerou-se que cada peça poderia ser classificada, no máximo, dentro de três grandes grupos. Das 806 referências recolhidas foi possível classificar 632 delas (78%). Devido ao sistema de múltiplas classificações foram atribuídas 851 classificações, cuja distribuição se visualiza no gráfico n.º 3.

**Gráfico n.º 3 – Distribuição temática**

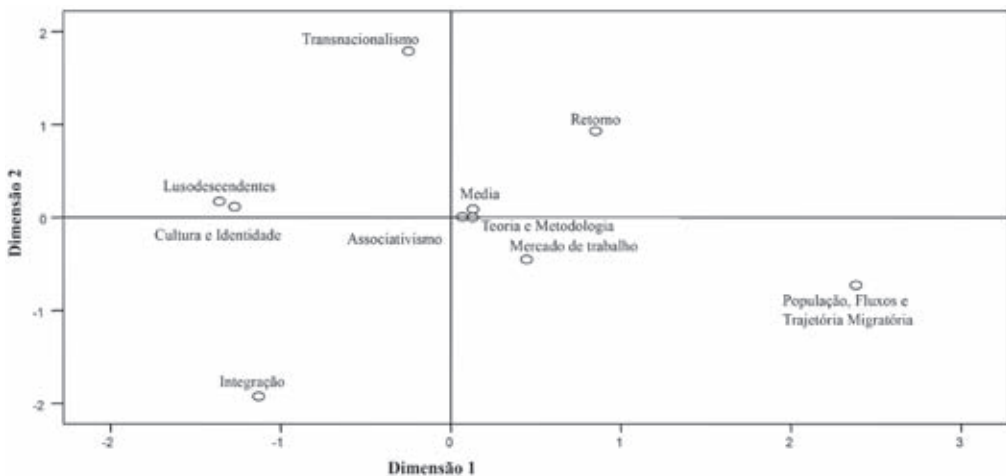


Fonte: Elaborado pelos autores.

No topo da ordenação de temas mais frequentes surgem as publicações dedicadas aos “fluxos, população e trajetória migratória” e à “integração”. Também relevante, mas com menor intensidade, são os estudos dedicados ao “transnacionalismo”, aos “lusodescendentes”, à “cultura e identidade”, à “migração de retorno” e ao posicionamento dos portugueses no “mercado de trabalho”. Os trabalhos sobre lusodescendentes também se destacam na análise de Machado e Azevedo<sup>14</sup> em que estes surgem como o segundo grupo mais estudado, a seguir à categoria abrangente “imigrantes no geral”. No caso dos estudos sobre políticas migratórias, é de referir que se trata, em grande parte, de estudos sobre as políticas emigratórias portuguesas, especialmente durante o Estado Novo, o que contraria a tendência dos estudos sobre políticas migratórias, que geralmente se focam mais nas políticas de entrada do que nas de saída<sup>15</sup>.

Uma vez que foram consideradas múltiplas classificações temáticas para cada entrada (até três), foi corrida uma análise de escalonamento multidimensional para dados binários (ALSCAL)<sup>16</sup> com as categorias mais frequentadas<sup>17</sup>. Com a observação do gráfico n.º 4, é de destacar alguma proximidade entre: 1) estudos que abordam a “cultura e identidade” e os que se focam nos “lusodescendentes”; 2) estudos dedicados ao “retorno”, que também muitas vezes se dedicam ao “transnacionalismo” (o próprio retorno pode ser considerado uma forma de transnacionalismo); 3) os estudos sobre a esfera do trabalho são por vezes associados a estudos sobre “integração” no geral ou sobre “população, fluxos e trajetória migratória”.

**Gráfico n.º 4 – Distância entre categorias temáticas**



Fonte: Elaborado pelos autores.

14 MACHADO; AZEVEDO, 2009: 18.

15 HOLLIFIELD, 2007: 190.

16 MARÔÇO, 2010.

17 As três variáveis de escolha múltipla foram desdobradas em dezoito variáveis *dummy*. Foram ensaiados diversos modelos, retirando as variáveis menos frequentadas, até se obter o modelo apresentado.

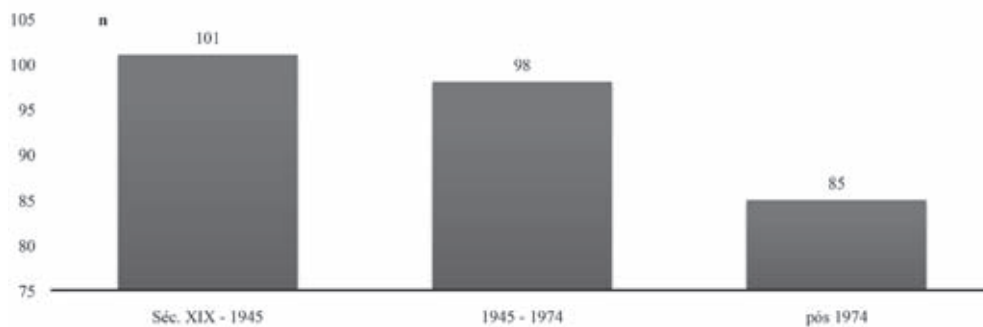


## 2.4 Épocas históricas nos estudos sobre emigração portuguesa

As publicações recolhidas foram classificadas de acordo com o marco histórico de saídas de Portugal a que se referiam. As classificações focaram três grandes intervalos temporais. O primeiro período situou-se entre o século XIX e 1945, compreendendo assim as migrações que ocorreram desde que foi declarada a independência ao Brasil (1822) até ao fim da II Guerra Mundial. O segundo período circunscreve as migrações entre o final daquela guerra e o fim do regime do Estado Novo. O último consiste no intervalo aberto desde o 25 de Abril de 1974 até à atualidade. Contudo, há que ter em conta que alguns estudos abarcam mais do que uma das épocas históricas indicadas.

A época das saídas em estudo não é, todavia, um tema de interesse ou explicitado por todos os estudiosos das emigrações portuguesas, tratando-se muitas vezes a emigração de forma transversal, ignorando ou tornando impossível de conhecer a sua situação temporal, tendo em conta o material disponível. Assim se explica que não seja possível classificar 72% desta variável na base de dados para este fim construída.

### Gráfico n.º 5 – Épocas históricas das saídas populacionais



Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota: São possíveis múltiplas classificações temporais.

Observa-se pela distribuição (Gráfico n.º 5), que, com quantitativos idênticos, estão os estudos que remetem para as migrações do passado (dois primeiros períodos). A frequência mais baixa é a das publicações focadas nas migrações pós-1974.

Quando se analisa a distribuição das épocas históricas estudadas ao longo dos anos de publicação é notório que os estudos académicos, mesmo aqueles desenvolvidos em anos recentes, se focam em saídas não contemporâneas (apenas existiram quatro anos em que os estudos dedicados ao período posterior a 1974 suplantaram os dedicados aos períodos anteriores). A explicação para tal pode ser devida ao elevado interesse pelas migrações por parte de historiadores, ou ao facto destes autores terem como tradição académica circunscrever cronologicamente as suas pesquisas, o que facilitou o processo de classificação.

Uma análise dos principais temas trabalhados de acordo com a época histórica (Quadro n.º 1) permite perceber que a tendência é, independentemente da época, de se dedicarem à caracterização dos fluxos e dos *stocks* de migrantes, sendo igualmente importantes os estudos sobre a integração. Mas existem também tendências mais específicas de cada época. Os estudos dedicados ao período até 1945 caracterizam-se pelos temas da integração dos portugueses no mercado de trabalho e das políticas migratórias, tanto no destino como na origem. Também na segunda época histórica – 1945-1974 – se destacam os estudos sobre as

políticas migratórias. Contudo, neste caso, a maioria são estudos sobre a Junta da Emigração, que permitem conhecer melhor as reações do Estado Novo à emigração que se deu nesta altura, em grande parte clandestina, especialmente para países europeus, como a França. Consequentemente, também se destaca o quantitativo relevante de estudos sobre a emigração clandestina. Ainda relevantes nesta época são os estudos sobre o transnacionalismo imigrante, sendo até cunhado o fenómeno do “vaivém” entre Portugal e França<sup>18</sup>. Os estudos que cobrem o pós-1974 voltam a dedicar-se à integração no mercado de trabalho, mas agora também à emigração qualificada, o que, em parte, se pode considerar um subgrupo do mercado de trabalho. O tema do retorno foi especialmente importante durante os anos 1980. A conjuntura de reduzido crescimento económico que reinava na década criou a falácia do mito do retorno dos portugueses que tinham abandonado o país durante o regime do Estado Novo<sup>19</sup>.

Esperava-se, nessa altura, que estes auxiliassem Portugal no seu processo de desenvolvimento<sup>20</sup>. O melhor exemplo foi o estudo de grande porte coordenado por Manuela Silva (1984), *Retorno, Emigração e Desenvolvimento Regional em Portugal*. Contudo, para além deste, existiram, e continuam a existir, diversos estudos de caso sobre o mesmo tema, embora com um foco territorial mais circunscrito.

Analisando por décadas de publicação o quantitativo de estudos dedicados ao retorno, os resultados são: nos anos 1980=21; 1990=8; 2000=23. Parece que, após algum desinteresse durante a década de 1990, o mito persiste, possivelmente devido a um novo período de desaceleração económica. Exemplos paradigmáticos do discurso atual sobre o papel da emigração para a promoção do desenvolvimento nacional são também as notícias recorrentes sobre o aumento das remessas dos emigrantes<sup>21</sup> e o potencial estratégico da diáspora portuguesa na captação de IDE ou no apoio à internacionalização de empresas portuguesas<sup>22</sup>.

18 CHARBIT; HILY; POINARD, 1997 e CORDEIRO, 2002.

19 MONTEIRO, 1994.

20 BAGANHA; GÓIS, 1998-1999: 234.

21 Como exemplo: “Remessas dos imigrantes portugueses aumentam 32% ou seja: ao ritmo da crise” (*O Povo online*, 11.4.2013); “Remessas de emigrantes subiram 7,1 por cento no início de 2013” (*RTP Notícias*, 23.5.2013); ou “Remessas de emigrantes sobem 9,12% para 1,14 mil milhões de euros” (*Público*, 18.7.2013).

22 Veja-se, nomeadamente: “Serrasqueiro destaca importância dos emigrantes na captação investimento” (*Público*, 2.10.2008); “Governo pede a luso-eleitos que passem a ideia de um Portugal inovador” (*Público*, 25.6.2012); “Passos Coelho envia mensagem para Macau marcando o ano novo lunar” (*Público*, 20.1.2014).

**Quadro n.º 1 – Número de temas por época histórica**

<b>Temas / Épocas</b>	<b>Séc. XIX-1945</b>	<b>1945-1974</b>	<b>pós-1974</b>
<b>População, Fluxos e Trajetória Migratória</b>	31	28	29
<b>Integração</b>	12	17	12
<b>Transnacionalismo</b>	6	11	5
<b>Lusodescendentes</b>	-	3	2
<b>Cultura e Identidade</b>	-	2	2
<b>Retorno</b>	3	8	7
<b>Mercado de Trabalho</b>	13	6	10
<b>Políticas migratórias</b>	11	19	6
<b>Media</b>	5	-	3
<b>Teoria e Metodologia</b>	2	4	9
<b>Associativismo</b>	4	1	2
<b>Género</b>	7	6	5
<b>Emigração Qualificada</b>	-	-	17
<b>Crime, Desvio e Violência</b>	8	4	-
<b>Estudos Literários</b>	2	1	-
<b>Sociolinguística</b>	-	-	-
<b>Emigração Clandestina</b>	1	5	1
<b>Levantamento Bibliográfico</b>	-	1	1
<b>Total</b>	<b>83</b>	<b>90</b>	<b>81</b>

Fonte: Elaborado pelos autores.

**2.5. Países de destino nos estudos sobre emigração portuguesa**

De extrema importância foi conhecer o país de destino nos estudos recolhidos. Contudo, nem todas as peças preenchem este campo, por dois motivos: 1) serem dedicadas às saídas de Portugal e não a um país de destino em concreto (e.g.: estudos sobre políticas emigratórias); 2) não se focarem num país em concreto (e.g.: inquérito a emigrantes regressados a um concelho de Portugal em específico). Foram classificados 476 casos (59%). Uma vez que é comum que um trabalho possua como alvo mais do que um país de destino, foram consideradas entradas múltiplas, daí resultando que tenham sido identificados 541 países de destino (Gráfico n.º 6).

Com 151 contagens, França é o país mais estudado. Isto pode dever-se ao elevado fluxo migratório que ocorre em direção a este país desde os anos 1960. Segundo Baganha e Góis<sup>23</sup>, outra das possíveis explicações para este quantitativo deve-se a uma forte ligação entre as ciências sociais portuguesas e a academia francesa. A especialização dos estudos sobre comunidades de portugueses em França é elevada, existindo publicações dedicadas exclusivamente à diáspora portuguesa, como a revista *Recherches en Anthropologie au Portugal* (no ativo entre 1989 e 2004), a revista *Latitudes Cahiers Lusophones* (no ativo entre 1997 e 2011)

23 BAGANHA; GÓIS, 1998-1999: 243.

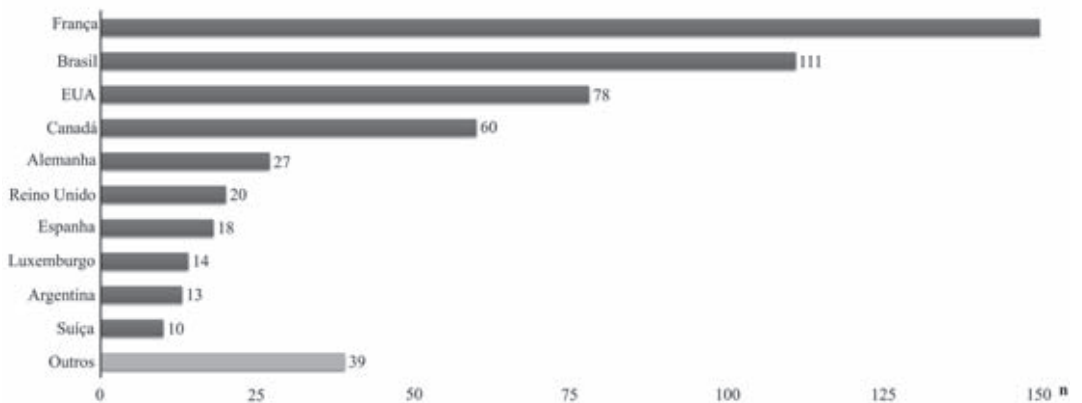
ou, ainda, *Cahiers de l'URMIS*, que, embora não sendo exclusiva sobre a comunidade portuguesa, dedica-lhe um quantitativo relevante de artigos.

A emigração para o Brasil surge como a segunda mais estudada. Estes trabalhos são em grande parte estudos históricos. Um peso forte destas publicações é responsabilidade do CEPES (Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade) e da revista *População e Sociedade*. Esta dedicou alguns números ao tema da emigração portuguesa para o Brasil. Contribuem também alguns livros resultantes de encontros científicos, como os trabalhos “Nas Duas Margens. Os portugueses no Brasil”<sup>24</sup> e “Um Passaporte para a Terra Prometida”<sup>25</sup>.

Em terceiro e quarto lugar posicionam-se os dois maiores países norte americanos, EUA e Canadá. Aqui são de destacar algumas editoras especializadas em estudos sobre portugueses, como a *Portuguese Heritage Publications of California* e a *Peregrinação Publications*. É também de relevar a existência de diversos centros de investigação em estudos portugueses, como o *Center for Portuguese Studies and Culture* da *University of Massachusetts Dartmouth*, o *Department of Portuguese and Brazilian Studies* da *Brown University*, ou o *The Center for Portuguese Studies* da *University of California, Santa Barbara*. Existem ainda revistas especializadas como a *Portuguese Studies Review* (no ativo desde 1991), ou a *InterDisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies* (no ativo desde 2012). De referir que os estudos nestes países têm focado especialmente a emigração oriunda dos Açores, muitos deles sendo metodologicamente estudos etnográficos.

Na lista de principais países de destino seguem-se Alemanha, Reino Unido, Espanha e Luxemburgo, países europeus de destino de migrações laborais lusas durante o pós-25 de Abril. Destinos mais recentes, como as economias emergentes de Angola ou Moçambique, estão ainda pouco estudados.

### Gráfico n.º 6 – Países de destino



Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota: outros países com n <10: África do Sul, Andorra, Angola, Antígua, Austrália, Bélgica, Bermudas, Guyana, Macau, México, Moçambique, St. Vicent, Trindade e Tobago, Uruguai e Venezuela.

24 SOUSA; MARTINS; MATOS, 2009.

25 SOUSA; MARTINS; MENEZES, 2011.

Uma análise cruzada entre os principais temas estudados de acordo com os países de destino (Quadro n.º 2) mostra que França, o país mais estudado, comporta mais frequentemente estudos dedicados à integração e focados no grupo específico dos lusodescendentes. Em França, os emigrantes portugueses ganharam o estatuto de imigrantes invisíveis, mesmo que atualmente já seja questionável esse termo<sup>26</sup>, sendo exemplo de boa integração, em parte por partilharem a religião católica com a maioria autóctone<sup>27</sup>. A comunidade atrai até simpatia de políticos de direita ou extrema-direita, como a Frente Nacional. Como exemplo, em abril de 2012, foram notícia as visitas de dois líderes da direita francesa (Nicolas Sarkozy e Marine le Pen) a restaurantes portugueses, bem como a sua simpatia para com a comunidade lusa<sup>28</sup>. Outra evidência foi a afirmação anti-imigração do então Presidente da República Francesa, de que “há demasiados estrangeiros”, ter sido acompanhada por uma ressalva sobre como esta declaração não era dirigida à comunidade portuguesa<sup>29</sup>.

Tendência semelhante foi encontrada nos estudos dedicados aos portugueses no Reino Unido e no Canadá. Neste último, o elevado número de estudos sobre a integração pode ser influenciado pelas políticas migratórias canadianas de multiculturalismo<sup>30</sup>.

Já no Brasil, do que se apurou, dominam estudos que se dedicam à cultura e identidade portuguesa, bem como à própria caracterização dos fluxos. Aqui destacam-se muitas análises de dados históricos disponíveis em arquivos de passaportes e fontes administrativas semelhantes.

No caso dos EUA, dominam os estudos sobre a cultura e identidade portuguesa e a integração das comunidades lusas. Existe um elevado interesse pela cultura e folclore português, especialmente açoriano, como as festas do Espírito Santo. Aqui, o interesse é sobre um grupo já há muito sedimentado, em que existe algum esforço para manter vivas as tradições, culturas e identidades.

Os estudos efetuados sobre os portugueses na Alemanha focaram-se, por um lado, na sua cultura e identidade, e, por outro, na sua integração no mercado de trabalho. Os primeiros trabalhos são, em grande medida, de responsabilidade de Andrea Klímt, que dedicou consideravelmente a sua carreira académica a este tema<sup>31</sup>. Os segundos resultam, provavelmente, das políticas de trabalhadores convidados e, posteriormente, do sistema de trabalhadores destacados, ambos envolvendo migrantes laborais portugueses.

Na Suíça e na Espanha a atenção focou mais a caracterização dos fluxos e a sua inserção laboral. É de ter em conta que, nestes últimos países, as frequências tornam-se muito reduzidas e, por isso, são facilmente influenciáveis por publicações pontuais.

26 JELEN, 2007.

27 VOLOVITCH-TAVARES, 2009.

28 *Expresso*, 11.4.2012.

29 RTP, 7.3.2012.

30 CASTLES; MILLER, 2009: 45.

31 KLÍMT, 1989; KLÍMT, 2000; KLÍMT, 2009.

**Quadro n.º 2 – Número de temas estudados por país de destino**

<b>Temas / Países</b>	<b>França</b>	<b>Brasil</b>	<b>EUA</b>	<b>Canadá</b>	<b>Alemanha</b>	<b>Reino Unido</b>	<b>Espanha</b>	<b>Suíça</b>
<b>População, Fluxos e Trajetória</b>	15	26	6	3	3	3	6	4
<b>Integração</b>	28	17	15	20	5	4	3	3
<b>Transnacionalismo</b>	16	6	6	3	3	-	1	2
<b>Lusodescendentes</b>	38	2	3	18	3	9	-	1
<b>Cultura e Identidade</b>	25	10	16	13	7	1	1	1
<b>Retorno</b>	16	5	4	6	1	-	-	-
<b>Mercado de Trabalho</b>	10	12	5	5	7	3	6	4
<b>Media</b>	15	5	2	1	-	1	-	-
<b>Associativismo</b>	14	9	2	1	-	3	-	1
<b>Total</b>	<b>139</b>	<b>94</b>	<b>61</b>	<b>55</b>	<b>21</b>	<b>20</b>	<b>15</b>	<b>10</b>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota: Embora Luxemburgo e Argentina possuam um número superior ao da Suíça, não possuem tantas entradas codificadas, nestas categorias.

Analisar a interceção entre as épocas históricas e os países de destino permite, ainda, conhecer outras regularidades (Quadro n.º 3). Os estudos sobre a primeira época histórica – até 1945 – foram largamente dominados pela emigração para o Brasil. A emigração para os EUA surge em segundo lugar, mas com um quantitativo muito reduzido, sendo os estudos para os restantes países despiciendos em termos proporcionais. Os estudos dedicados ao segundo período histórico – 1945-1974 – foram dominados essencialmente pela emigração para França, seguidos de estudos para o continente americano, que apenas no seu conjunto superam a quantidade dos estudos das saídas para França. No que respeita às migrações mais recentes, a primeira nota é que não existe nenhum país dominante, talvez porque, no mesmo sentido, não exista um país de destino com tamanha predominância como nas épocas anteriores. Ainda assim, assinala-se o Brasil com seis estudos, a Alemanha com quatro estudos, e um empate entre Canadá, EUA e França, com três estudos. Territórios de destino mais recentes, como o Reino Unido e a Suíça, são agora também estudados. Dada a lenta velocidade de produção dos estudos académicos, é possível que uma vaga mais recente de trabalhos, dedicados à emigração portuguesa posterior à recessão mundial de 2008, só venha a ser conhecida depois de 2013.

**Quadro n.º 3 – Top 5 países mais estudados em cada época histórica**

Séc. XIX - 1945		1945 - 1974		Pós 1974	
<b>Brasil</b>	55	<b>França</b>	27	<b>Brasil</b>	6
<b>EUA</b>	10	<b>Brasil</b>	11	<b>Alemanha</b>	4
<b>França</b>	3	<b>Canadá</b>	9	<b>Canadá</b>	3
<b>Argentina</b>	2	<b>EUA</b>	6	<b>EUA</b>	3
<b>Venezuela</b>	2	<b>Venezuela</b>	4	<b>França</b>	3

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota: pós-1974, Reino Unido e Suíça =3.

**3. Discussão e conclusão**

Um primeiro assunto a discutir consiste nas épocas históricas estudadas. Não obstante o incremento de publicações que se observou nos 33 anos analisados, este não foi, em grande parte, um incremento dos estudos sobre emigrações contemporâneas. Muitos dos trabalhos atuais são trabalhos de historiadores que continuam a ter disponível material empírico para estudar. No mesmo sentido da escassez de investigação sobre a emigração dos dias de hoje, é de referir que, das 85 peças recolhidas sobre a emigração contemporânea, apenas 46 (54%) se dedicam maioritariamente à emigração nesta época; as restantes 39 abordam o tema em traços gerais e transversais a diversas épocas históricas. Dentro de ambos os grupos, são poucos os trabalhos que recorrem a dados primários, com trabalho de campo junto de emigrantes portugueses. São estudos em grande parte baseados em estatísticas oficiais, dando apenas um imagem geral, uma “fotografia de avião” e não tanto “uma imagem de microscópio”; estas correm ainda o risco de transmitir uma “imagem desfocada” da emigração portuguesa<sup>32</sup>.

Pode-se, assim, confirmar uma ideia que tem sido divulgada nos últimos anos, a da relativa invisibilidade da emigração portuguesa recente. Devido à escassez de dados, à limitação do financiamento disponível ou à secundarização do tema nas agendas científicas, a verdade é que pouco se investigaram as saídas de portugueses nas últimas décadas – apesar de todas as fontes confirmarem a manutenção e a importância dos fluxos<sup>33</sup>.

Um segundo nível de discussão remete para os países de destino estudados nas publicações recolhidas. Para tal, estes países foram comparados com os países com maior *stock* de portugueses<sup>34</sup> e os países com maior fluxo de emigrantes<sup>35</sup> (Quadro n.º 4).

32 BAGANHA, 1993.

33 PIRES; MACHADO; PEIXOTO *et al.*, 2010.

34 Observatório da Emigração, dados de 2001 a 2011.

35 Observatório da Emigração, dados de 2008 e 2009.

**Quadro n.º 4 – Comparação de *rankings* entre publicações, *stocks* e fluxos de emigrantes**

Publicações	<i>Stocks</i>	Fluxos
França	França	Angola
Brasil	EUA	Reino Unido
EUA	Suíça	Suíça
Canadá	Canadá	Espanha
Alemanha	Espanha	Alemanha
Reino Unido	Brasil	Luxemburgo
Espanha	Alemanha	Bélgica
Luxemburgo	Reino Unido	Holanda
Argentina	Venezuela	Brasil
Suíça	Luxemburgo	Chile

Fonte: Elaborado pelos autores e Observatório da Emigração.

Comparando os *rankings* de publicações e *stocks* destaca-se o elevado quantitativo relativo dos estudos sobre os portugueses no Brasil. É de ter em conta que se trata de estudos sobre diversos períodos históricos e não tanto sobre migrações contemporâneas. Ou seja, embora continuem a entrar portugueses no Brasil hoje em dia, os estudos referem-se, em grande parte, ao período posterior à declaração de independência do país. Já alguns países de emigração recente se destacam pela escassez de estudos, como é o caso da Suíça, que, embora destino de eleição de emigrantes portugueses desde meados da década de 1980<sup>36</sup>, recolheu somente dez publicações.

Uma outra análise comparativa possível é entre as publicações e as estatísticas dos fluxos mais recentes. Neste caso, é relevante o fluxo com destino a Angola. Por sua vez, é curioso este ser um dos países menos estudados pelos académicos. É de referir que, no levantamento de estudos sobre imigração e minorias étnicas<sup>37</sup>, os estudos sobre imigrantes angolanos também escasseiam. Assim, parece ser difícil tanto efetuar estudos sobre imigrantes angolanos em Portugal, como de emigrantes portugueses em Angola. Contudo, Angola não é um caso isolado de países pouco ou nada estudados. Dentro do espaço intraeuropeu destacam-se a Bélgica e a Holanda, para além da Suíça, já referida. Para a Bélgica, foram recolhidos apenas três estudos, mas todos eles em forma comparativa; tendo como destino a Holanda, não se recolheu nenhum trabalho.

No caso dos fluxos mais recentes, é possível estar-se perante o fenómeno já conhecido da relação entre ciência e *media*. Por vezes, a opinião pública pode fazer com que determinado problema ganhe visibilidade e, por consequência, interesse e (principalmente) financiamento científico<sup>38</sup>. Também importa referir que o tempo de publicação de resultados científicos obedece a lógicas diferentes das dos jornalistas, sendo muito mais rápido nos segundos, o que torna comum que os fenómenos cheguem primeiro às manchetes dos jornais do que às revistas científicas com critérios de *peer review*<sup>39</sup>.

Comparando tanto *stocks* como fluxos, há que ter em conta que ambos são relevantes. Um surto migratório temporário, por menos provável que seja, deve ser tão importante como uma migração já bem sedimentada.

36 MARQUES, 2010.

37 MACHADO; AZEVEDO, 2009: 26.

38 BALMER, 1990 in BUCCHI, 2004: 118.

39 BUCCHI, 2004: 131-132.



Contudo, a chegada de novos emigrantes a um “novo” país levanta questões de pesquisa diferentes do que em países com um longo historial de portugueses. Enquanto nos primeiros importa conhecer, por exemplo, dificuldades de inserção, nos segundos podem interessar os temas da velhice ou das relações intergeracionais de emigrantes.

Se forem tidos em conta os mais recentes fluxos, é perceptível que muitos dos países de destino recentes ainda não foram estudados. Angola é o exemplo mais flagrante. No entanto, o problema não se observa apenas no lado dos estudos académicos *per se*. As próprias estatísticas oficiais são incompletas ou de difícil comparação. Assim, alguns daqueles países que hoje são considerados “novos” destinos de emigração portuguesa não apresentam estatísticas completas e comparáveis, pelo que a ideia do fluxo relevante é muitas vezes baseado nas informações que se obtêm através de peças jornalísticas.

Um terceiro assunto a discutir é o dos temas estudados. Já no final da década de 1990, Baganha e Góis concluíam que um dos temas sobre o qual mais se sabia eram os volumes e características dos emigrantes portugueses<sup>40</sup>. Parece que tal afirmação continua relevante, isto é, continua a ser o tema mais estudado. Contudo, para as migrações contemporâneas e, especialmente, para alguns dos países de destino mais recentes, pouco mais se sabe do que a dimensão do fluxo ou do *stock*, sendo por isso ainda relevante produzirem-se estudos desta natureza. Acresce que grande parte dos estudos nesta categoria é baseada em estatísticas oficiais, sendo reduzido o número de trabalhos em que se procurou auscultar diretamente os emigrantes no que diz respeito às motivações, dificuldades, projetos futuros ou ligações com Portugal.

Uma boa maneira de interpretar o que se tem estudado sobre emigração portuguesa em termos de temas é comparar com o que se tem estudado para outros grupos migrantes em Portugal. Com este fito, os resultados das categorias temáticas foram comparados com os obtidos por Machado e Azevedo<sup>41</sup>. Merecem especial atenção dois pontos. Em primeiro lugar, assinala-se a relevância da categoria “Saúde e doença”, que na pesquisa sobre imigração se encontra no nono lugar do *ranking* de temas, não merece uma categoria isolada na pesquisa sobre emigração portuguesa. Nesta última é agrupada na grande categoria “Integração”, uma vez que, estudada isoladamente, conta como tema de apenas duas entradas bibliográficas analisadas. Em segundo lugar, assinala-se o elevado peso da categoria “Coexistência e representações interétnicas; racismo” (quarto lugar nos estudos sobre imigração), que não tem equivalente no levantamento sobre os portugueses além-fronteiras. No caso destes, o tema foi classificado na categoria “Integração”, mas uma análise mais aprofundada revela que são quase inexistentes os estudos referentes ao racismo face aos portugueses. Da mesma maneira, os estudos sobre violência para com os portugueses são poucos, classificados na categoria “Crime, desvio e violência”. Pode-se afirmar que, das dezoito peças nesta categoria, apenas três remetem para estudos sobre violência ou racismo face a portugueses.

Não obstante, é possível encontrar evidência de algumas manifestações de hostilidade face a portugueses emigrados, nomeadamente em algumas notícias da comunicação social: “Portugueses vítimas de ataques racistas na Irlanda do Norte”<sup>42</sup>, “Portugueses no Luxemburgo vítimas de racismo”<sup>43</sup>, ou de violência e insegurança no geral, seja na Venezuela – “Comunidade portuguesa na Venezuela confiante no combate à insegurança”<sup>44</sup> –, ou em Moçambique – “Raptos levam famílias portuguesas em Moçambique a tirar crianças do país”<sup>45</sup>. Tendo em conta as datas das notícias recolhidas, é perceptível que o fenómeno não é recente. Seria

40 BAGANHA; GÓIS, 1998-1999: 249.

41 MACHADO; AZEVEDO, 2009: 13.

42 *Público*, 29.4.2002.

43 *TSF*, 10.5.2000.

44 *DN Madeira*, 12.3.2013.

45 *Público*, 5.11.2013.

interessante investigar por que razão existe uma quase invisibilidade académica de problemas existentes na vida dos emigrantes.

Dentro da mesma categoria do “Crime, desvio e violência”, outro fenómeno pouco estudado e com notoriedade mediática é a questão das redes de tráfico de seres humanos, muitas vezes associadas a situações de trabalhos forçados ou de escravatura branca. Existe atenção por parte dos *media*, como se pode comprovar com notícias como “Emigrantes portugueses tratados como escravos em França, Alemanha e Inglaterra”<sup>46</sup>, “Há cada vez mais portugueses vítimas de tráfico de seres humanos”<sup>47</sup>, ou “Sobe o número de portugueses vítimas de tráfico humano”<sup>48</sup>. No caso da produção bibliográfica agora analisada, foi apenas recolhido e classificado um trabalho sobre este tema, centrado no século XIX<sup>49</sup>. Neste caso em concreto, a explicação para a escassa produção científica talvez possa passar pelas dificuldades conceptuais e empíricas de estudar o fenómeno<sup>50</sup>.

Ainda explorando os temas pouco estudados, um ponto já evidenciado por Baganha e Góis era a escassez de estudos sobre a clandestinidade dos emigrantes portugueses<sup>51</sup>. A questão aparenta continuar a ser relevante, embora vestida de uma nova roupagem. Existe alguma evidência de que a emigração irregular continua a existir, como comprovam algumas peças jornalísticas, como “O problema dos portugueses ilegais no Brasil é uma realidade”<sup>52</sup>, ou “Portugueses sem visto expulsos de Angola”<sup>53</sup>. Embora continuem a ser efetuadas pesquisas sobre o tema, são de carácter histórico. É exceção um pequeno estudo sobre a emigração portuguesa recente para o Brasil efectuado no âmbito do projeto ITINERIS<sup>54</sup>.

Para terminar a componente relativa aos temas estudados, há que ter em mente que o acumulado de estudos em alguns temas e a falta de estudos noutros deve-se, em parte, à lógica da produção científica, podendo-se afirmar que os estudos sobre a emigração portuguesa seguem determinados “paradigmas dominantes”<sup>55</sup>. Para além da relativa invisibilidade da emigração recente, sobretudo quando comparada com a visibilidade dos estudos sobre imigração e minorias étnicas, fica por estudar o relativo privilégio que é dado a determinadas temáticas, que pode suceder por constrangimentos ligados às ciências sociais portuguesas ou aos estudos internacionais sobre migrações.

## Notas finais

A análise bibliométrica aqui apresentada reflete uma das preocupações iniciais do projeto REMIGR<sup>56</sup>, a de definir melhor o que se sabe sobre a emigração portuguesa, especialmente a que se situa no período mais recente, *i.e.* pós-1974 e, em particular, pós-2000.

Este trabalho permitiu identificar padrões temporais, temáticos e geográficos da produção científica sobre emigração, publicada entre 1980 e 2013. No entanto, permitiu também distinguir alguns “ângulos mortos” patentes na mesma produção, o que pode ser tão ou mais útil para investigações atuais ou futuras sobre o tema.

Salienta-se a discrepância entre o facto de existir uma crescente produção científica sobre o tema da emigração portuguesa e o número reduzido de trabalhos que abordam os fluxos no período posterior

46 *Jornal de Notícias*, 3.1.2013.

47 TSF, 11.2.2013.

48 *Jornal de Notícias*, 12.2.2013.

49 SILVA, 2012.

50 PEIXOTO, 2005: 17-19.

51 BAGANHA; GÓIS, 1998-1999: 250.

52 *Público*, 21.4.2012.

53 *Sol*, 4.7.2011.

54 FINOTELLI; ACOSTA; FERNANDES *et al.*, 2013.

55 KUHN, 1962.

56 Ver nota 1.

à Revolução de 1974. O desenvolvimento das ciências sociais em Portugal explica certamente a primeira tendência, enquanto a escassa visibilidade da emigração recente explica a segunda.

Dentro do que “ainda nos falta saber” nota-se, assim, que são escassos os estudos sobre emigração portuguesa contemporânea, especialmente trabalhos que recorram a dados primários. Consequência parcial desta tendência é a produção relativamente exígua de estudos que tenham como foco alguns dos principais destinos recentes dos portugueses, designadamente a Suíça, Brasil<sup>57</sup>, Angola ou Moçambique. Em termos de temas foi reduzido o recenseamento de trabalhos sobre as questões da saúde, do racismo e discriminação, do tráfico de seres humanos e da emigração clandestina atual. Com a ameaça recente de possível denúncia dos acordos da livre circulação de pessoas, no caso da Suíça<sup>58</sup>, e da eventual revisão de alguns direitos e garantias dos imigrantes na Alemanha<sup>59</sup>, alguns destes temas poderão brevemente tornar-se mais salientes na produção científica sobre a emigração portuguesa. No âmbito desta pesquisa, fica ainda por analisar a relação entre a produção mediática e a produção científica. Sabe-se que, no contexto atual, em particular no período posterior à recessão económica de 2008, a problemática da emigração tem merecido atenção crescente da opinião pública e dos *media*, com destaque para a emigração de jovens qualificados. A conjuntura que o país atravessa, tanto em termos socioeconómicos, como em termos demográficos, traduz-se numa preocupação acrescida com essas saídas massivas, contrariada apenas pelo discurso ambíguo das autoridades face ao tema<sup>60</sup>. Não se sabe ainda qual será o seu impacto na produção científica, mas prevê-se que seja elevado. Em suma, face ao momento que o país atravessa, adivinha-se que a relativa omissão dos movimentos emigratórios recentes tenda a inverter-se e que alguns dos países de destino de eleição nestes novos fluxos sejam (re)descobertos. Possivelmente, também a tendência global crescente de contraste acentuado entre a precarização do trabalho, por um lado, e a extrema mobilidade de “cérebros”, por outro, terão consequências ao nível das temáticas a explorar em futuros trabalhos académicos. O que parece ser certo, de resto, é que se voltará a olhar mais para o “Nós” no exterior do que para o “Outro” em Portugal.

57 Neste caso, com uma “nova vaga” de imigração portuguesa distinta da que se verificou no passado.

58 Por via do resultado do referendo realizado a 9 de fevereiro de 2014, em que o voto concordante com a aplicação de medidas mais restritas à entrada de imigrantes no país ganhou com 50,34% dos votos.

59 Na base dessa possibilidade encontra-se o relatório produzido no âmbito de um grupo de trabalho constituído pelos ministros do Interior e do Trabalho alemães, que apela a restrições às autorizações de residência e à atribuição de subsídios sociais. Leia-se, por exemplo: “Alemanha vai limitar autorizações de residência e ajudas sociais a imigrantes europeus” (*Expresso*, 26.3.2014) ou “German panel lays down restrictions on EU immigrants” (*Euractiv*, 27.3.2014).

60 Destacam-se as seguintes peças jornalísticas como exemplo: “Secretário de Estado apela a jovens para emigrarem” (*Correio da Manhã*, 31.10.2011); “Passos Coelho: “Ninguém aconselhou os portugueses a emigrarem” (*Público*, 17.1.2013); “As várias declarações de apelo à emigração” (*Jornal de Negócios*, 17.1.2013).

## Fontes

- “Comunidade portuguesa na Venezuela confiante no combate à insegurança”. *Diário de Notícias da Madeira*. 12.3.2013. Disponível em <<http://www.dnoticias.pt/actualidade/mundo/376121-comunidade-portuguesa-na-venezuela-confiante-no-cambate-a-inseguranca>> [consult. 21 de nov. 2013].
- “Declarações de Sarkozy sobre estrangeiros ‘não visam os portugueses’”, afirma Alexandra Custódio. RTP. 7.3.2012. Disponível em: <<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=533523&tm=7&layout=121&visual=49>> [consult. 21 de nov. 2013].
- “Emigrantes portugueses tratados como escravos em França, Alemanha e Inglaterra”. *Jornal de Notícias*. 3.1.2012. Disponível em: <[http://www.jn.pt/Paginalnicial/Economia/Interior.aspx?content\\_id=2217912](http://www.jn.pt/Paginalnicial/Economia/Interior.aspx?content_id=2217912)> [consult. 19 de dez. 2013].
- “Há cada vez mais portugueses vítimas de tráfico de seres humanos”. TSF. 11.2.2013. Disponível em: <[http://www.tsf.pt/Paginalnicial/Vida/Interior.aspx?content\\_id=3048469](http://www.tsf.pt/Paginalnicial/Vida/Interior.aspx?content_id=3048469)> [consult. 19 de dez. 2013].
- “O problema dos portugueses ilegais no Brasil é uma realidade”. *Público*. 21.4.2012. Disponível em: <<http://www.publico.pt/politica/noticia/o-problema-dos-portugueses-ilegais-no-brasil-e-uma-realidade-1543037>> [consult. 21 de nov. 2013].
- “Portugueses no Luxemburgo vítimas de racismo”. TSF. 10.5.2000. Disponível em: <[http://www.tsf.pt/Paginalnicial/Interior.aspx?content\\_id=851104](http://www.tsf.pt/Paginalnicial/Interior.aspx?content_id=851104)> [consult. 21 de nov. 2013].
- “Portugueses sem visto expulsos de Angola”. *Sol*. 4.7.2011. Disponível em: <[http://sol.sapo.pt/inicio/Lusofonia/Angola/Interior.aspx?content\\_id=23256](http://sol.sapo.pt/inicio/Lusofonia/Angola/Interior.aspx?content_id=23256)> [consult. 21 de nov. 2013].
- “Portugueses vítimas de ataques racistas na Irlanda do Norte”. *Público*. 29.4.2002. Disponível em: <<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/portugueses-vitimas-de-ataques-racistas-na-irlanda-do-norte-133290>> [consult. 21 de nov. 2013].
- “Raptos levam famílias portuguesas em Moçambique a tirar crianças do país”. *Público*. 5.11.2013. Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/familias-portuguesas-em-mocambique-tiram-criancas-do-pais-1611458>> [consult. 21 de nov. 2013].
- “Remessas de emigrantes sobem 9,12% para 1,14 mil milhões de euros”. *Público*. 18.7.2013. Disponível em: <<http://www.publico.pt/economia/noticia/remessas-de-emigrantes-sobem-912-para-114-mil-milhoes-de-euros-1600618>> [consult. 19 de dez. 2013].
- “Remessas de emigrantes subiram 7,1 por cento no início de 2013”. RTP. 23.5.2013. Disponível em: <<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=653580&tm=6&layout=122&visual=61>> [consult. 19 de dez. 2013].
- “Remessas dos imigrantes Portugueses aumentam 32% ou seja: ao ritmo da crise”. *O Povo online*. 11.4.2013. Disponível em: <[http://blog.opovo.com.br/portugalsempassaporte/remessas-dos-imigrantes-portugueses-aumentam-32-ou-seja-ao-ritmo-da-crise/?utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Feed%3A+PortugalSemPassaporte+%28Portugal+sem+passaporte%29](http://blog.opovo.com.br/portugalsempassaporte/remessas-dos-imigrantes-portugueses-aumentam-32-ou-seja-ao-ritmo-da-crise/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+PortugalSemPassaporte+%28Portugal+sem+passaporte%29)> [consult. 19 de dez. 2013].
- “Sarkozy e Marine le Pen em restaurantes portugueses”. *Expresso*. 11.4.2012. Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/sarkozy-e-marine-le-pen-em-restaurantes-portugueses=f718349>> [consult. 21 de nov. 2013].
- “Sobe o número de portugueses vítimas de tráfico humano”. *Jornal de Notícias*. 12.2.2013. Disponível em: <[http://www.jn.pt/Paginalnicial/Sociedade/Interior.aspx?content\\_id=3048495](http://www.jn.pt/Paginalnicial/Sociedade/Interior.aspx?content_id=3048495)> [consult. 19 de dez. 2013].

## Bibliografia

- BAGANHA, Maria Ioannis, 1993 – “Uma imagem desfocada: a emigração portuguesa e as fontes sobre a emigração”. *Análise Social*. Lisboa, vol. XXVI, 112-113, p. 723-739.
- BAGANHA, Maria Ioannis; GÓIS, Pedro, 1998-1999 – “Migrações internacionais de e para Portugal. O que sabemos e para onde vamos?”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Lisboa, n.º 52-53, p. 229-280.
- BUCCHI, Massimiano, 2004 – *Science in society: an introduction to social studies of science*. London: Routledge.
- CANDEIAS, Pedro; GÓIS, Pedro; MARQUES, José Carlos; PEIXOTO, João, 2014 – “Emigração portuguesa: bibliografia comentada (1980-2013)”. *SOCIUS Working Papers* n.º 1/2014. (Disponível em <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/w.papers.2014.shtml>)
- CASTLES, Stephen; MILLER, Mark J., 2009 – *The age of migration: international population movements in the modern world*, 4ª ed. New York: Palgrave.
- CHARBIT, Yves; HILY, Marie-Antoinette; POINARD, Michel, 1997 – *Le va-et-vient identitaire. Migrants portugais et villages d'origine*. Paris: PUF.
- CORDEIRO, Albano, 2002 – «Le va-vient des Portugais en Europe». *Projet*. N.º 272, p. 63-38.
- FINOTELLI, Cláudia; ACOSTA, Diego; FERNANDES, Duval Magalhães et al, 2013 – *Migração Brasil – Europa. A situação dos migrantes brasileiros na Espanha e Portugal e de portugueses e espanhóis no Brasil: aspectos legais e vivências*. Viena: International Centre for Migration Policy Development (ICMPD).

- GARCIA, José Luis; NUNES, Diana Brito, 2000 – *Migrações e relações multiculturais*. Oeiras: Celta.
- HOLLIFIELD, James F., 2007 – “The Politics of International Migration How Can We ‘Bring the State Back In?’” in BRETTELL, Caroline B.; HOLLIFIELD, James F. (eds.) – *Migration Theory: Talking across Disciplines, 2ªed.* New York: Routledge, p. 183-237.
- JELLEN, Brigitte, 2007 – *Immigrant In / Visibility: Portuguese and North Africans in Post-Colonial France*. Irvine (tese de doutoramento apresentada à Universidade da Califórnia).
- KLIMT, Andrea, 2009 – “Espaços europeus: noções de casa e de pertença dos migrantes portugueses na Alemanha” in MELO, Daniel; SILVA, Eduardo Caetano da (eds.) – *Construção da Nação e associativismo na emigração portuguesa*. Lisboa: ICS, p. 237-271.
- KLIMT, Andrea, 2000 – “Enacting national selves. Authenticity, adventure and disaffection in the Portuguese diaspora”. *Identities*. N.º 6, 4, p. 513-550.
- KLIMT, Andrea, 1989 – “Returning ‘Home’: Portuguese Migrant Notions of Temporariness, Permanence and Commitment”. *New German Critique, Special Issue on Minorities in German Culture*. N.º 46, p. 47-70.
- KUHN, Thomas, 1962 – *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: Chicago University Press.
- MACHADO, Fernando Luís; AZEVEDO, Joana, 2009 – “A investigação sobre imigração e etnicidade em Portugal: tendências, vazios e propostas”. *Migrações*. N.º 4, p. 7-31.
- MACHADO, Fernando Luís; AZEVEDO, Joana; MATIAS, Ana Raquel, 2009 – *Bibliografia e filmografia sobre imigração e minorias étnicas em Portugal (2000/2008)*(CD-ROM). Lisboa: Fórum Gulbenkian Migrações, Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano.
- MARÔCO, João, 2010 – *Análise Estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- MARQUES, José Carlos, 2010 – “A emigração portuguesa em tempos de imigração”. *Polígonos. Revista de Geografia*. N.º 20, p. 115-129.
- MONTEIRO, Paulo Filipe, 1994 – *Emigração. O eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta.
- MUSEU DAS MIGRAÇÕES E DAS COMUNIDADES, 2012 – *Migrações – bibliografia*. Fafe: MMC.
- PEIXOTO, João, 2005 – “Introdução” in PEIXOTO, João; SOARES, António Goucha; COSTA, Paulo Manuel *et al* (eds.) – *O tráfico de migrantes em Portugal – perspectivas sociológicas, jurídicas e políticas*. Lisboa: ACIME, p. 15-19.
- PEIXOTO, João, 2012 – “A Emigração hoje: o que sabemos e o que não sabemos”. *SOCIUS Working Papers*, 5.
- PIRES, Rui Pena; MACHADO, Fernando Luís; PEIXOTO, João *et al*, 2010 – *Portugal: atlas das migrações internacionais*. Lisboa: Tinta-da-China.
- PRICE, Derek de Solla, 1951 – “Quantitative Measures of the Development of Science”. *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*. N.º 14, 4, p. 85-93.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; ARROTEIA, Jorge, 1984 – *Bibliografia da emigração portuguesa*. Lisboa: Instituto de Português de Ensino à Distância.
- SILVA, Manuela; AMARO, Rogério Roque; CLAUSSE, Guy *et al*, 1984 – *Retorno, emigração e desenvolvimento regional em Portugal*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- SILVA, Susana Serpa, 2012 – “A emigração açoriana para o Brasil, por meados do século XIX e a questão da ‘escravatura branca’”. *História: Questões & Debates*. N.º 56, p. 37-61.
- SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia de Lima; MATOS, Izilda (eds.), 2009 – *Nas Duas Margens. Os Portugueses no Brasil*. Porto: CEPESE/ Afrontamento.
- SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia de Lima; MENEZES, Lená Medeiros de (eds.), 2011 – *Um passaporte para a terra prometida*. Porto: CEPESE/ Fronteira do Caos.
- VOLOVITCH-TAVARES, Marie-Christine, 2009 – “Les incertitudes et les contradictions d’une ‘bonne intégration’. Les immigrants catholiques portugais en France, des années soixante aux années quatre-vingt”. *Cahiers de la Méditerranée*. N.º 78, p. 158-176.

### **Sítios na Internet**

Observatório da Emigração. Disponível em: <<http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/>>.

PORDATA. Disponível em: <<http://www.pordata.pt/>>.